# Referências

[1] **Veja ao final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factual e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?) anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson na Rose e sobre seu poder de nocividade estratégica dentro da Fraternidade.**

[2] http://mailstar.net/perry.html

[3] http:// www.lobster-magazine.co.uk/intro/search.cgi?zoom_query=rothschild&zoom_page=3&zoom_per_page=10&zoom_and=1&zoom_sort=0

[4] http://isgp.eu/organisations/introduction/PEHI_Jacob_de_Rothschild_bio.htm :

> *(...) o controverso Lorde Victor Rothschild (1910-1990), 3º Barão Rothschild. Victor começou a trabalhar para o MI5 durante a Segunda Guerra Mundial em funções que incluíam eliminação de bombas, desinformação e espionagem**. Em 1940, Rothschild sugeriu que Anthony Blunt deveria ser convidado a se juntar ao serviço secreto.** Ele também alugou uma casa para seu amigo Guy Burgess. Após a libertação da França, Rothschild trabalhou com Dick White, Kim Philby e Malcolm Muggeridge nos escritórios do MI6 estabelecidos na mansão da família Rothschild em Paris. Ele foi suspeito de estar envolvido com os Cambridge Five, uma rede de espiões britânicos que passou informações para os soviéticos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Em 1951, dois membros dessa rede, Burgess e Maclean - ambos sob investigação secreta - fizeram manchetes internacionais ao desertarem publicamente para a União Soviética.* ***Anthony Blunt era outro membro da rede****. Victor trabalhou como cientista no departamento de zoologia da Universidade de Cambridge de 1950 a 1970.* ***Ele era membro dos Cambridge Apostles, uma sociedade secreta da Universidade que incluía John Maynard Keynes (amigo do presidente do CFR e parceiro de J.P. Morgan, Russell C. Leffingwell), Anthony Blunt (gay; 'mole' do 'KGB'; conselheiro e parente distante da Rainha), Guy Burgess (gay; 'mole' do 'KGB'), Bertrand Russell (organizou as Conferências de Pugwash com o protegido de Rockefeller, Cyrus Eaton, Sr.), Michael Whitney Straight (família Whitney; outro 'mole' do 'KGB'), Aldous Huxley (escreveu 'Admirável Mundo Novo') e outros. Histórias sobre os Apostles persistiam que a membresia era principalmente***

> ***homossexual e marxista. Victor atuou como presidente do Conselho de Pesquisa Agrícola de 1948 a 1958 e como chefe mundial de pesquisa da Royal Dutch/Shell de 1963 a 1970. Presidente da Equipe de Revisão de Políticas Centrais de Edward Heath de 1971 a 1974. Conselheiro de segurança não oficial de Margaret Thatcher, que chegou ao poder com a ajuda de Le Cercle em 1979. Falecido em 1990. Ele foi Comandante da Ordem do Império Britânico***.

[5] http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article467109.ece

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

[7] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2008/003_2008/VM-2008-03-10/VM-2008-03-10-A-00-Williamson-Traditio.htm

[8] Claire Sterling, *Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia* (Nova Iorque: W.W. Norton and Co., 1990), p. 314.

[9] John Costello, *Mask of Treachery – The First Documented Dossier on Blunt, MI5, and Soviet Subversion* (Londres: William Collins Sons & Co. Ltd, 1988), p. 8.

[10] Rueda, p. 249 e 250.

[11] Martin Dies, *The Trojan Horse in America* (o cavalo de Troia en Amérique) (Nova Iorque: Arno Press, 1977; reedição, Nova Iorque: Dodd, Mead and Company, 1940), p. 224. A nota final parafraseia o comentário clássico de Dies: « Os inimigos *internos* de um país constituem um mais grave perigo do que qualquer força estrangeira: eles representam a traição *de dentro* ajudada pela invasão *de fora*. »

[12] Neologismo descrevendo a internacional homossexual por analogia ao Komintern, a Internacional Comunista.

[13] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/001_2009/VM-2009-01-20/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.html

[14] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/001_2009/VM-2009-01-20/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.html

[15] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/biographie_williamson.htm

[16] **Cf no final do artigo a lista das referências eletrônicas dos estudos faktuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-Anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson, o bispo britânico da Rosa da Fraternidade São Pio X e sobre seu poder de dano estratégico dentro da Fraternidade.**

[17] Claire Sterling, *Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia* (Nova Iorque : W.W. Norton and Co., 1990), p. 314.

[18] John Costello, *Mask of Treachery – The First Documented Dossier on Blunt, MI5, and Soviet Subversion* (Londres : William Collins Sons & Co. Ltd, 1988), p. 8.

[19] Rueda, p. 249 e 250.

[20] Martin Dies, *The Trojan Horse in America* (o cavalo de Troia em América) (Nova Iorque : Arno Press, 1977 ; reedição, Nova Iorque : Dodd, Mead and Company, 1940), p. 224. A nota final parafraseia o comentário clássico de Dies : « Os inimigos *internos* de um país constituem um perigo mais grave do que qualquer força estrangeira : eles representam a traição *de dentro* ajudada pela invasão *de fora*. »

[21] Radosh e Milton, Introdução.

[22] Alexander Orlov, *Handbook of Intelligence and Guerrilla Warfare* (Ann Arbor, Mich. : University of Michigan Press, 1963), p. 25. Antes da Segunda Guerra Mundial, Orlov era um dos chefes dos serviços soviéticos de espionagem e contraespionagem. Depois de passar para o Ocidente, ele deu muitos cursos sobre as táticas e a estratégia soviéticas de inteligência e contraespionagem. Em 1936, ele havia escrito um manual destinado a ser utilizado nas escolas que o NKVD acabara de abrir para o uso de seus agentes secretos, assim como na Escola Militar Central de Moscovo. Em 1963, ele foi encarregado de reescrever esse manual pela Universidade de Michigan de Ann Arbor.

[23] Ibid., p. 94

[24] Ibid., p. 95.

[25] Ibid.

[26] Victor Ostrovsky e Claire Hoy, *By Way of Deception – The Making and Unmaking of a Mossad Officer* (Como fazer e desfazer por meio da enganação um agente do Mossad) (Nova Iorque : St. Martin’s Press, 1990), p. 98.

[27] Ibid.

[28] H. Bradford Westerfield, ed., *Inside CIA’s Private World – Declassified Articles from the Agency’s International Journal 1955-1992* (New Haven : Yale University Press, 1995), p. 79 e 80.

[29] Ibid., p. 80.

[30] Ibid., p. 75.

[31] Ibid.

[32] Declaração de Klaus Fuchs, o espião da bomba atômica, relatada na obra de William Stevenson intitulada *Intrepid's Last Case* (Nova Iorque : Villard Books, Random House, Inc., 1983). Veja também Radosh e Milton, p. 30. A compartimentação é o sinal distintivo do espião como do homossexual. Klaus Fuchs, o espião da bomba atômica, declarou que utilizava sua « filosofia marxista para estabelecer em minha mente dois compartimentos separados : um no qual me permitia formar amizades [...] para ajudar as pessoas e ser em todos os aspectos o tipo de homem que queria ser [...] Eu sabia que o outro compartimento surgiria se eu me aproximasse do limiar perigoso [...] Eu havia conseguido, no outro compartimento, me tornar completamente independente das forças sociais ao meu redor. *A posteriori*, parece preferível descrever isso como uma esquizofrenia controlada ». Da mesma forma, Harry Gold (Golodnitsky), graduado da Xavier University e agente da União Soviética convencido de espionagem industrial e atômica nos Estados Unidos, testemunhou que para suportar as terríveis tensões e inconvenientes inerentes à vida de agente comunista, desenvolveu uma dupla personalidade. Ele declarou que quando partia em uma missão de espionagem, esquecia completamente sua vida comum, seu lar, sua família, seu trabalho e seus amigos para se tornar um autômato movido por uma única ideia. Então, ao voltar para casa, ele mentalmente retrocedia e enterrava em sua mente tudo o que havia feito naquela noite ou durante aquela missão.

[33] Westerfields, p. 75.

[34] Ibid., p. 80.

[35] Ibid., p. 75.

[36] Zvi Y. Gitelman, *Jewish Nationality and Soviet Politics – the Jewish Section of the CPSU, 1917-1930* (Princeton, N.J. : Princeton Press, 1972), p. 172. O autor conduziu suas pesquisas sob os auspícios do Instituto de Assuntos Comunistas da Universidade de Columbia. Veja também Louis Rapoport, *Stalin's War Against the Jews* (Nova Iorque : Maxwell Macmillan International, 1990).

[37] Ibid.

[38] Ibid.

[39] Ibid.

[40] Ibid., p. 118.

[41] Radosh and Milton, p. 23 à 25.

[42] Ibid., p. 338 et 339.

[43] Rueda, p. 127.

[44] William R. Corson e Robert T. Crowley, *The New KGB – Engine of Soviet Power* (Nova Iorque : William Morrow and Co., 1985), p. 14.

[45] Bray, p. 19.

[46] Veja Andrew Boyle, *The Fourth Man* (Nova Iorque : Dial Press/James Wade, 1979), p. 221.

[47] John Barron, *KGB The Secret Work of Soviet Agents* (Nova Iorque : Reader's Digest Press, E.P. Dutton & Co., 1974), p. 207. Veja o capítulo X, « Tesouros do Cofr », onde é contada uma extraordinária história de espionagem.

[48] Gerard J.M. van den Aardweg, Ph.D., *The Battle for Normality – A Guide for (Self-) Therapy for Homosexuality* (A Luta pela Normalidade – Guia (Auto-) Terapêutico para a Homossexualidade) (São Francisco : Ignatius Press, 1997), p. 68 e 69.

[49] Ibid., p. 69.

[50] Deacon, *The French Secret Service*, p. 17.

[51] Ibid., p. 17 a 20.

[52] David Lewis, *Sexpionage – The Exploitation of Sex by Soviet Intelligence* (Nova Iorque, Londres : Harcourt, Brace, Jovanovich, 1976), p. 25.

[53] Chapman Pincher, *Inside Story* (Nova Iorque : Stein and Day, 1979), p. 28.

[54] Encontra-se uma excelente análise das purgas massivas de Stálin na obra de Robert Conquest intitulada *The Great Terror – A Reassessment* (Nova Iorque : Oxford University Press, 1990).

[55] Philip Knightley, Bruce Page, David Leitch, *The Philby Conspiracy* (Garden City, Nova Iorque : Doubleday & Co., 1968), p. 14.

[56] Ibid.

[57] Ibid.

[58] Para uma análise nova e ingênua das origens da Segunda Guerra Mundial, veja a obra de Ernst Topitsch intitulada *Stalin's War* (Nova Iorque : St. Martin's Press, 1985).

[59] Orlov, p. 15.

[60] Ibid., p. 17.

[61] Ibid., p. 15.

[62] Ibid.

[63] Costello, p. 216.

[64] O laxo dos serviços secretos britânicos em relação à presença de homossexuais notórios em postos sensíveis do governo ou desses mesmos serviços é mencionado na obra de Andrew Hodges

intitulada « The Military Use of Alan Turing », que pode ser consultada no endereço http://www.turing.org.uk/publications/mathswar3.html.

[65] West, p. 172.

[66] Ibid.

[67] Ibid., p. 103.

[68] Ibid., p. 142.

[69] Ibid., p. 173.

[70] Lewis, p. 44 et 45.

[71] Ibid., p. 36.

[72] Ibid.

[73] Ibid., p. 56.

[74] Ibid.

[75] Jamie Glazov, « Um Embaixador Canadense Homossexual e Ingênuo em Moscovo : Um sério Não-Não na Guerra Fria », *FrontPageMagazine.com*, 25 de julho de 2001, no endereço http://www.frontpagemag.com/Articles/Printable.asp?ID=993.

[76] Ibid.

[77] Ibid.

[78] West, p. 216.

[79] Lewis, p. 4 e 5.

[80] Veja John Earl Haynes e Harvey Klehr, *VENONA*: *Decoding Soviet Espionage in America* (New Haven, Conn. : Yale University Press, 1999). Para mais informações sobre a infiltração soviética do OSS, veja também o endereço http://members.iglou.com/jtmajor/Venona1.htm.

[81] O OSS formou grande parte daqueles que se tornariam os primeiros membros e líderes da CIA, entre os quais Allen Dulles, Richard Helms, William Colby e William Casey. James Jesus Angleton, chefe do serviço de contraespionagem da CIA, começou sua carreira de espião no OSS trabalhando com seu pai na Itália. No livro *The CIA and the Cult of Intelligence* (A CIA e a religião do conhecimento) (Nova Iorque : Alfred A. Knopf, 1974), Victor Marchetti e John D. Marks descrevem em termos similares o « clube de velhos amigos » que era a CIA : « Seus santos são os profissionais da clandestinidade. Seus patronos e protetores são os altos funcionários do governo

federal. Sua composição ultrapassa os círculos governamentais, pois se estende até os centros de poder da indústria, do comércio, da finança e do trabalho. Seus aliados são numerosos nos meios importantes : no mundo acadêmico e na comunicação. A religião da inteligência é praticada por uma fraternidade secreta da aristocracia política americana ». Os laços estreitos que existem entre a CIA e o Eastern Establishment (o qual colabora muito de perto com os grupos da direita « conservadora ») aparecem na ata de uma reunião privada entre membros ativos e ex-membros da CIA que ocorreu em 8 de janeiro de 1969 na Harold Press House, sede do quase secreto Council on Foreign Relations (Conselho de Relações Exteriores). A reunião em questão teve como objetivo examinar o papel da CIA nas « operações clandestinas » realizadas no exterior. É significativo que ela não tenha ocorrido na sede oficial da CIA, que fica em Langley (Virginia). Naquela reunião de alto nível estavam quase exclusivamente personalidades do « Establishment » « WASPs » (“protestantes brancos anglo-saxões”), o que é típico do recrutamento dos hiérarcas da CIA desde a criação da mesma em 1947. A ata confidencial das reuniões de 1968 foi descoberta em 1971, quando estudantes extremistas invadiram o Centro de Assuntos Internacionais da Universidade de Harvard e encontraram esse documento entre os papéis de William Harris, associado do Centro.

[82] Corson e Crowley, p. 193. Veja também Christopher Andrew e Vasili Mitrikhin, *The Sword and the Shield – The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova Iorque : Basic Books, 1999), p. 57.

[83] É verdade que o GRU mantinha na Grã-Bretanha vários outros círculos de espionagem independentes. Mas todos, incluindo o de Oxford, estavam desprovidos do motor clandestino – os « Apóstolos » – que fazia girar o carrossel de Cambridge e assegurava acesso automático aos arcanos do poder, bem como um rápido avanço ao cume da hierarquia na agência de inteligência e no governo. Entre os membros do círculo de espias soviéticos de Oxford estavam os seguintes indivíduos : Patrick Day ; Phoebe Pool, mensageira do círculo de Oxford e colega de Blunt no Courtauld Institute, que devia se suicidar se jogando embaixo de um trem ; Peter Floud, diretor do Victoria and Albert Museum ; Bernard Floud, um experiente parlamentar que foi recrutado por James Klugman e devia se suicidar em 1967 ; Herbert Hart, que se casou com uma agente comunista (Jennifer Hart) e que dividia seu escritório no MI5 com Blunt ; Sir Andrew Cohen, diplomata de destaque que morreu de um ataque cardíaco ao final de um interrogatório sobre suas atividades de inteligência ; e, finalmente, Arthur Wynn, que teve um papel ativo nos círculos sindicais e prestou seu serviço militar, assim como Sir Peter Chalmers Mitchell, do Christ Church College. A VENONA revelou também os nomes de código de outros espiões britânicos – DAN, LEAF, JACK – e da misteriosa equipe DAVID e ROSA, o que sugeria que existia, trabalhando para a URSS, uma rede de espiões britânicos mais ampla do que se suspeitava anteriormente. Veja no endereço http://www.trinity.ox.ac.uk/ian.yeung/spy.htm. Goronway Rees, membro do All Souls College e graduado de Oxford, era um amigo íntimo de Blunt e um marxista declarado, mas não aceitou a proposta de Blunt de se tornar um agente soviético. Costello revela, aliás, que após 1939, Rees ajudou os serviços de inteligência britânicos. Em 1956, Rees escreveu para *The Sunday People* uma série sensacional de artigos anônimos nos quais destacava que o chantagem e a homossexualidade haviam contribuído para a forte infiltração marxista no sistema de segurança britânico. Segundo Rees, Blunt desempenhava um papel de eminência parda junto a Burgess e outros discípulos, a maioria dos quais fazia parte dos « Apóstolos », e ele manipulava seus amigos por meio do espião Burgess. Entre as vantagens que Cambridge possuía sobre Oxford em termos de recrutamento de alto nível estavam evidentemente os « Apóstolos ». Além disso, Cambridge

podia contar com seu laboratório Cavendish, um dos principais centros de pesquisa do mundo na área da física. Em 1921, Stálin enviou a Cambridge o cientista russo Piotr Kapitza. Ele fundou o Kapitza Club, que incentivava o « compartilhamento » de descobertas científicas além das divergências ideológicas. Quando Kapitza recebeu de Stálin a ordem de retornar a Moscovo, ele levou com ele todos os seus equipamentos do Cavendish – incluindo relógios e outras instalações – que foram embalados e enviados por barco para seu novo laboratório soviético. As informações comunicadas pelos espiões soviéticos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos são insignificantes em comparação com o « volume substancial de material coletado à vista e pacientemente no Kapitza Club », enfatiza Andrew Sinclair. Stephen Spender concorda que « esses cientistas comunistas foram vítimas da cegueira moral específica que há muito caracterizava a ciência, mas que não pode ser desculpada de forma alguma ».

[84] George Orwell, *The Lion and the Unicorn : Socialism and the English Genius*, Parte I, « England Your England » (Londres, 1941), que pode ser consultada no endereço http://www.k-l-com/Orwell.lion.htm.

[85] Richard Deacon, *The Cambridge Apostles* (Nova Iorque : Farrar, Straus & Giroux, 1986), p. 1. Apesar da excelência de suas pesquisas sobre os « Apóstolos » como grupo, Deacon professava opiniões políticas pouco objetivas. Por exemplo, ele fala da « campanha anticomunista virulenta e ridícula » do senador Joseph McCarthy, enquanto na realidade, as acusações de McCarthy eram tudo menos ridículas, conforme confirmaram as revelações de VENONA. Veja também Dennis O'Keefe, « Cambridge, Right or Wrong », artigo publicado no número de maio de 1987 da revista *World and I* e que pode ser consultado no endereço http://www.worldlandi.com/public/1987/may/bk5.cfm.

[86] Robert Skidelsky, *John Maynard Keynes*, Vol. I, « Hopes Betrayed 1883-1920 » (Esperanças Traídas entre 1883 e 1920) (Nova Iorque : Viking Penguin, Inc., 1986), p. 39 e 144.

[87] Deacon, p. 3.

[88] Deacon, p. 40.

[89] Ibid. p. 55.

[90] Andrew Sinclair, *The Red and the Blue – Cambridge, Treason and Intelligence* (Boston : Little, Brown and Company, 1986), p. 39 e 144.

[91] Skidelsky, p. 119.

[92] Costello, p. 143.

[93] Michael Holroyd, *Lytton Strachey – The Unknown Years 1880-1910*, Vol. I (Nova Iorque : Holt, Rinehart and Winston, 1967), p. 167.

[94] Ibid.

[95] John Maynard Keynes (1883-1946) estudou em Eton e no King's College de Cambridge. Como destacou seu principal biógrafo, Robert Skidelsky, Keynes foi iniciado em fevereiro de 1903 na sociedade dos « Apóstolos » sob o número 243. Durante grande parte de sua vida de jovem adulto, Keynes, como estudante e acadêmico, levou uma vida muito compartimentada entre sua vida privada e sua vida profissional pública. Skidelsky enfatiza que durante seus anos na Universidade, Keynes teve muitas aventuras homossexuais, incluindo encontros perigosos, sendo que pelo menos um deles degenerou em um caso de chantagem. Entre seus « grandes amores » estava um calouro de Trinity chamado Arthur Hobhouse, que Keynes então apresentou à sociedade. Após a Primeira Guerra Mundial, Keynes desempenhou um papel importante na Conferência de Paz de Versalhes. Ao longo de sua vida, ocupou muitos cargos econômicos chave no governo e se tornou presidente da National Mutual Life Assurance Society, que « o colocou no centro da oligarquia financeira da Inglaterra ». Giles Lytton Strachey (1880-1932) era um rival sexual de Maynard Keynes. De acordo com seu biógrafo, Michael Holroyd, Strachey era uma criança inteligente, mas doente e nervosa. Tornou-se um dos homossexuais mais notórios do Trinity College. De 1904 a 1914, ele foi responsável pela seção literária da revista *The Spectator*, mas seu principal escrito foi *Eminent Victorians*, publicado em 1918 e que se tornaria um clássico. A artista Dora Carrington apaixonou-se por Strachey, que não retribuiu, e cuidou dele até sua morte, embora ela fosse casada com Ralph Partridge. Em 14 de março de 1932, sete semanas após a morte de Lytton, ela pôs fim à própria vida. Carrington era uma dessas mulheres que os homossexuais hoje chamam de « garotas a favor de homossexuais » (*Nota do Tradutor: o inglês é muito mais ofensivo: « fag hags », ou seja, harpies, bruxas a favor de homossexuais ...*), ou seja, mulheres que mantêm uma relação de mão única com homossexuais conhecidos. Duncan James Corrower Grant (1885-1978), um membro proeminente do movimento dos pintores pós-impressionistas ingleses, era um parceiro sexual muito procurado tanto entre os « Apóstolos » quanto entre os Bloomberry. Ele nasceu em 21 de janeiro de 1885 em uma excelente família escocesa, na casa ancestral do condado de Inverness. Já havia viajado para a Índia e para a Birmânia antes dos nove anos, estudou na Escola Primária Hillbrow de Rugby, depois na Escola de Belas-Artes de Westminster, e finalmente no Trinity College de Cambridge. Ele tinha Lytton Strachey como primo. Segundo seu biógrafo, Douglas Blair Turnbaugh, o « grande amor » de sua vida foi Paul Roche, que Grant conheceu quando Roche acabou de ser ordenado sacerdote da Igreja Católica e nomeado vigário em uma paróquia em Chelsea. Grant também amou Vanessa Stephen Bell, que permaneceu sua confidente por mais de cinquenta anos e com quem teve uma filha, Angelica (Bell). Ele morreu aos noventa e três anos e foi enterrado ao lado de Vanessa no pequeno cemitério paroquial de Firle. David « Bunny » Garnett, que foi um dos parceiros de Grant, casou-se com Angelica Bell em 1942. Uma personalidade importante, mas mais marginal do grupo Bloomsbury, era o escritor Edward Morgan (E.M.) Forster (1879-1970). Ele nasceu em Dorset Square, Londres, de pais de classe média. Seu pai morreu quando ele tinha um ano, e ele cresceu em um lar dominado por mulheres. Foi aluno interno em Tonbridge Wells, o que achou insuportável. Em 1897, ele se inscreveu no King's College de Cambridge, o que lhe agradou muito. Tornou-se um « Apóstolo » com a ajuda de um outro estudante, H.O. Meredith, e ele foi um homossexual declarado. Embora tivesse uma forte preferência por garotos de classes inferiores, nunca confundiu « o amor individual dos homens com o amor das massas »; em outras palavras, ele não era um marxista. Suas obras mais notáveis foram *A Room With a View*, *Howards End* e *A Passage to India*. Um dos protegidos de Forster foi o jovem escritor e dramaturgo Joseph Randolph (J.R.) Ackerly (1896-1967), que estudava direito em Cambridge quando os dois jovens se conheceram. A autobiografia póstuma de Ackerly – *My Father and Myself* (Nova Iorque : Poseidon Press, 1968) oferece algumas das observações mais

memoráveis já publicadas sobre a promiscuidade homossexual. Ackerly escreve que suas atividades masturbatórias solitárias e coletivas começaram na escola primária de Rossall e se continuaram ao longo de seus estudos secundários no Lancashire. Sua vida sexual posterior em Cambridge, e depois em outros lugares, o levou a freqüentar sexualmente centenas de jovens operários e soldados. Curiosamente, Ackerly se considerava monogâmico e de moral leve, mas acrescentava que tinha apenas tido « uma má sorte persistente... » que o impediu de encontrar seu « amigo ideal ». Em suas relações com *Horse Guards*, que, segundo ele, eram propensos a roubo e à violência contra os « veados », os « travestis » e as « tantas » como ele, o escritor enfatiza que deliberadamente escolhia garotos « sem muito caráter » ou até mesmo « sem caráter algum ». No meio dos anos 30, ele havia começado a manter um diário de suas perambulações noturnas, mas era tão entediante que desistiu de escrever sobre essas pessoas. Ele relata que cerca de quinze anos depois, esbarrou acidentalmente neste diário e o percebeu « como algo errado ». « O erro estava na miséria », ele afirma. « Não continha nenhuma marca de prazer ou alegria, nenhuma reflexão filosófica, nem mesmo uma piada ; era um relato impregnado de melancolia e abatimento sem remédio, de monotonia mortal, frustração, solidão, auto-piedade, de “boas fortunas” exalando tédio, de oportunidades maravilhosas sufocadas pelo medo, de fechaduras giradas noite após noite ao retornar a um apartamento frio, escuro e vazio, de explosões contra o destino pela vacuidade e pela total mediocridade da minha existência. Continha – a coisa mais lamentável de todas – observações críticas sobre meu primeiro encontro com aquele menino galês que agora está perdido, seu desinteresse e seus pés com mau cheiro ». A felicidade chegou a Ackerly na forma de uma cadela pastora alemã chamada Tulip. Ela lhe deu, segundo ele, « a devoção constante, sincera, incorruptível, incondicional » que sua vida sexual nunca lhe havia proporcionado. Em última análise, seu « amigo ideal » revelou-se ser « o melhor amigo do homem ». Ackerly, no entanto, não abandonou completamente sua vida homossexual e continuou a buscar oportunidades de encontro, especialmente quando viajava para o exterior.

[101] Entre os autores que escreveram sobre o círculo de espiões de Cambridge, sempre houve controvérsia sobre a ordem de recrutamento e a importância relativa dos cinco homens – Anthony Blunt, Guy Burgess, Kim Philby e Donald Maclean, assim como o misterioso « quinto homem », sobre o qual foram feitas intermináveis suposições. Quanto a mim, prefiro enumerá-los por ordem de nascimento, começando por Blunt, o mais velho desses traidores, e terminando por Donald Maclean, o mais jovem, mas de forma alguma o menor dos « Apóstolos ».

[102] Costello, p. 145. Após deixar o Trinity College, Alister Watson trabalhou para o Radar and Signals Establishment da Royal Navy, depois tornou-se chefe da Estação de detecção e pesquisa de submarinos no Laboratório de pesquisas da Marinha, onde teve acesso a muitos segredos ; no entanto, foi posteriormente transferido para um cargo menos sensível quando o MI5 descobriu suas convicções marxistas. Ele nunca deveria ter confessado seus crimes. Veja, por Andrew Hodges, « The Military Use of Alan Turing », no endereço http://www.turing.org.uk/publications/mathswar3.html. Em 1965, Dennis Proctor era Secretário permanente no Ministério dos Combustíveis e da Eletricidade. Como alto funcionário, ele contribuiu para ignorar as recomendações do MI5 de que Anthony Blunt fosse excluído dos serviços de inteligência britânicos devido às suas ligações marxistas, que se manifestaram em uma viagem à União Soviética. Este é um exemplo da capacidade dos soviéticos de colocar a pessoa certa no lugar certo e na hora certa.

[103] As informações biográficas sobre os anos jovens de Blunt foram extraídas de várias fontes, incluindo Miranda Carter, *Anthony Blunt, His Lives* (Nova Iorque : Farrar, Strauss and Giroux, 2002).

[104] Ibid., versão online.

[105] Ibid. Wilfrid Blunt se lembrou de sua infância e dos primeiros sentimentos homossexuais que teve como professor em *Married in a Single Life – An Autobiography, Years 1901-1938* (Londres : Michael Russell Ltd., 1983). Ao contrário de seu irmão Anthony, Wilfrid parece ter tido um caráter simples e amável, um senso de humor bem desenvolvido e uma consciência reta (embora agnóstica). Era um pederasta parcialmente sublimado que permaneceu, de certa forma, um « inocente » ao longo de sua vida.

[106] Ibid. No sistema educacional de Marlborough, os filhos de clérigos pagavam apenas 60% das taxas cobradas pelos filhos de leigos.

[107] Costello, p. 60.

[108] Ibid., p. 66.

[109] Ibid., p. 77 et 78.

[110] Ibid., p. 77.

[111] Ibid., p. 130.

[112] Ibid., p. 86.

[113] Os comentários de Bryan sobre Cunningham estão reproduzidos na obra de Chris Moore intitulada *The Kincora Scandal* (Dublin : Marino, 1996), p. 89.

[114] Ibid., p. 88 e 89.

[115] Julian, filho de Clive Bell, era um dos amantes de Blunt.

[116] Costello, p. 147.

[117] Veja David Pryce-Jones, « Um vazio moral completo », crítica do livro de Miranda Carter *Anthony Blunt: His Lives* na *The New Criterion* Online, Vol. 20, n° 7, março de 2002, disponível em

http://www.newcriterion.com/archive/20/mar02/blunt.htm. Como aponta Pryce-Jones, Carter não critica a traição de Blunt e teria desejado poder « reabilitá-lo ».

[118] Ibid. O fato de que apenas Blunt, Burgess, Maclean e Philby foram remunerados por sua traição foi confirmado por Oleg Gordievsky, ex-agente residente do KGB em Londres e o oficial do KGB de maior escalão a ter passado para o Ocidente. Segundo Gordievsky, ele tinha a tarefa de manter o registro dos pagamentos recebidos pelos espiões de Cambridge.

[119] Ibid.

[120] Veja Dan Healy, *Homosexual Desire in Revolutionary Russia – The Regulation of Sexual and Gender Dissent* (Chicago : University of Chicago Press, 2001), p. 185. Veja também Conquest, p. 317. Em março de 1934, o Soviet Supremo oficializou essa purga reafirmando as leis russas anti-sodomitas como uma « medida de higiene social antifascista » com o intuito de reprimir os pederastas que « corrompiam » a juventude soviética.

[121] Em arte, como na política, a Revolução mundial custa caro, e os Warburg eram ricos o suficiente para financiá-la em ambas as áreas. Aby Warburg (1866-1929) fundou na Alemanha o Instituto Warburg, que foi transferido de Hamburgo para Londres em 1934. Os irmãos de Aby financiaram a Revolução mundial tanto sob sua forma nazista quanto sob sua forma marxista. Paul M. Warburg, parceiro da Kuhn, Loeb & Company e representante da dinastia bancária dos Rothschild na Inglaterra e na França, ajudou a financiar os bolcheviques russos, e seu irmão Max Warburg estava à frente do consórcio bancário Warburg na Alemanha e nos Países Baixos. Veja, a esse respeito, as obras de Anthony Sutton *Wall Street and the Bolshevik Revolution* (Virginia : Arlington House, 1974) e *Wall Street and the Rise of Hitler* (Ill. : Bloomfield Books, 1976).

[122] Veja Charles Saumarez Smith, « Scholar, gentleman, prig, spy », *The Observer*, 11 de novembro de 2001. Esta crítica da biografia de Blunt por Miranda Carter pode ser encontrada em *Unlimited Online*

http://books.guardian.co.uk/whitbread2002/story/0,12605,842777,00.html.

[123] Costello, p. 369.

[124] Nigel West e Oleg Tsarev, *The Crown Jewels – The British Secrets at the Heart of the KGB Archives* (Nova Iorque : Yale University Press, 1998), p. 132.

[125] Ibid.

[126] Costello, p. 369.

[127] Ibid., p. 368.

[128] Ibid. Veja também Christopher Andrew, *Her Majesty's Secret Service – The Making of the British Intelligence Community* (Nova Iorque : Viking Press, 1986), p. 403.

[129] Andrew, p. 403.

[130] Ibid., p. 401.

[131] Chapman Pincher, *Their Trade in Treachery*, ed. revisada (Nova Iorque : Bantam Books, Inc., 1982), p. 245.

[132] Pryce-Jones. O mito segundo o qual Blunt, embora corrompido em sua vida pessoal e como espião, teria se mostrado honroso em seu papel profissional como historiador de arte e expert de

obras de arte, é contestado por Igor Golomstock em « The Forger and the Spy », *Commentary*, maio de 1999, que pode ser consultado no endereço

http://www.findarticles.com/cf_0/m1061/5_107/54561433/print.jhtml. Golomstock revela que Eric Hebborn, pintor inglês de nascimento, homossexual e ex-amante de Anthony Blunt, que tinha sua própria galeria de arte em Roma, possuía vários certificados de autenticidade emitidos por Blunt para suas cópias de obras-primas vendidas em famosas galerias de arte ao redor do mundo. Quando seu crime foi descoberto e suas relações íntimas com o espião soviético foram reveladas, Hebborn alegou nunca ter pedido a Blunt que autenticassse nenhum dos falsos que trouxe da Itália para a Inglaterra. Segundo Golomstock, no entanto, há em suas memórias vários trechos confirmando que Blunt realmente desempenhou um papel importante na autenticação das falsificações do pintor. Hebborn morreu em um hospital romano em 1996 pouco depois de ser encontrado em um parque público em Roma, vítima de um grave acidente vascular cerebral.

[133] As observações de Kim Philby sobre o jovem Guy Burgess foram relatadas por sua esposa Rufina na obra de Rufina Philby, Hayden Peake e Mikhail Lyubimow intitulada *The Private Life of Kim Philby* (Nova Iorque : Fromm International, 2000), p. 230 e 231.

[134] Ao contrário dos outros traidores de Cambridge, os primeiros dados biográficos sobre Burgess, incluindo sua vida familiar e infância, estão curiosamente ausentes do dossiê a seu respeito. O autor encontrou algumas informações sobre o início da vida de Burgess no site da família Dwyer-Laye, no endereço http://www.geocities.com/layedwyer. Este site foi criado por Patrick Paskiewicsz, que ensina inglês no instituto Henry Ford de Oakland, e nas Comunidades de Colégios Schoolcraft.

[135] Ibid. Yuri Modin, *My 5 Cambridge Friends, Burgess, Maclean, Philby, Blunt in Cairncross* (Nova Iorque : Farrar Strauss & Giroux, 1994), p. 72. Yuri Modin, supervisor do KGB dos espiões de Cambridge – incluindo Guy Burgess de 1947 a 1953 – confirma os detalhes sobre a visita de Guy a Moscovo em suas memórias sobre os espiões de Cambridge.

[136] Deacon, p. 119.

[137] Barrie Penrose e Simon Freeman, *Conspiracy of Silence: The Secret Life of Anthony Blunt* (Nova Iorque : Farrar Strauss & Giroux, 1987), p. 319 e 320.

[138] Ibid.

[139] Costello, p. 203.

[140] Penrose e Freeman, p. 320.

[141] Ibid., p. 206.

[142] Encontrará um excelente retrato de Sir John Philby e de seu filho na obra de Anthony Cave Brown intitulada *Treason in the Blood* (A Traição no Sangue) (Boston : Houghton Mifflin Company, 1994). Veja também, por Phillip Knightley, Bruce Page e David Leitch, *The Philby Conspiracy*

(Garden City ; N.Y. : Doubleday & Co., 1968) e, por Philip Knightley, *The Master Spy – The Story of Kim Philby* (Nova Iorque : Alfred A. Knopf, 1989).

[143] Brown, p. 133.

[144] Ibid., p. 134 et 135.

[145] Ibid., p. 135.

[146] Ibid., p. 138.

[147] Ibid.

[148] Ibid., p. 140.

[149] Modin, p. 49.

[150] Ibid.

[151] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 404.

[152] Ibid., p. 407.

[153] Veja o site da clã em http://www.electricscotland.com/webclans/m/maclean2.html.

[154] Os famosos escritores homossexuais W.H. Auden e Christopher Interwood foram alunos da escola Gresham.

[155] Veja Costello, p. 307. Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 406.

[156] Veja Dr. Diana M. Henderson, « Scots at War/Secret, War/Soviet Spies », que pode ser consultado no endereço http://www.scotsatwar.org.uk/secret/soviet.html, Trust, Edimburgo, Escócia.

[157] Pryce-Jones. O número de 17.000 baseia-se em informações extraídas dos arquivos soviéticos, disponibilizados recentemente para pesquisadores ocidentais. Burgess, Maclean e Cairncross teriam comunicado esse número a Moscou em três ocasiões.

[158] Costello, p. 432 e 412.

[159] E. Michael Jones, « Homossexual como Subversivo: A Dupla Vida de Sir Anthony Blunt », *Fidelity Magazine* (mai 1988), p. 29.

[160] Costello, p. 432 e 412.

[161] Ibid., p. 606.

[162] Ibid., p. 407.

[163] Aqui estão algumas das diversas teorias sobre a natureza exata da missão real de Blunt: 1. teria consistido na recuperação de certas cartas íntimas e embaraçosas de membros da família real; 2. Blunt e o bibliotecário real do castelo de Windsor teriam sido encarregados de ir ao velho castelo de Kronberg em maio de 1945 para receber de oficiais do exército americano que estavam estacionados lá duas caixas supostamente contendo documentos secretos, mas que na verdade continham joias; 3. teria sido ordenado aos dois homens que recuperassem arquivos nazistas sobre uma possível aliança secreta entre a Alemanha e a Inglaterra contra Stálin.

[164] Costello, p. 369 et 443 à 471.

[165] Ibid., p. 4.

[166] Ibid., p. 465.

[167] Ibid., p. 466.

[168] Veja Vivian Bird, « Homossexualidade na Grã-Bretanha ganha aceitação crescente », *Spotlight*, 29 de fevereiro de 1988.

[169] Guy Liddell, subdiretor do MI5 responsável pela divisão « B », a de contraespionagem, levava uma vida conjugal desastrosa quando Blunt o fez seu amigo. Assim como Blunt, Liddell tinha uma parentela aristocrática distante. Seu pai era, supostamente, do tipo militar rígido, e sua mãe o havia mimado excessivamente. Segundo John Costello, autor especializado em inteligência, Liddell tinha uma visão negativa da sociedade britânica. Suas amizades « imprudentes » e sua « infeliz » associação em tempos de guerra com notórios homossexuais o tornavam um alvo explorável pelos soviéticos, ressalta Costello. Levando em conta, segundo Costello, que os primeiros resultados obtidos por Liddell no MI5 foram repletos de « incidentes » e irregularidades, e que a infiltração de Moscou na contraespionagem britânica atingiu seu auge sob sua direção, três coisas são certas: ou ele sofria de uma « incrível má sorte », ou tinha « uma incompetência beirando a negligência criminosa », ou era diretamente uma fonte soviética. De qualquer maneira, ressalta Costello, espiões comprometidos e « passivos » podem ser « tão prejudiciais quanto espiões ativos ». Hollis representava um caso diferente. Nascido em 1905, Roger Hollis era filho de um pastor, assim como Blunt. Estudou no Worcester College de Oxford, onde se tornou esquerdista. Entre seus amigos de Oxford estavam Claud Cockburn, um comunista convicto, Maurice Richardson e Thomas Driberg, notório homossexual que depois se tornaria agente comunista. Hollis trabalhou por algum tempo na Standard Bank de Londres, em seguida foi para a China, onde teve contato com a comunista engajada Agnes Smedley. Hollis, que casou-se três vezes, era visto um pouco como um conquistador e um « colecionador de aventuras arriscadas ». Sua incompetência como diretor-geral do MI5 era lendária. Segundo Chapman Pincher, Hollis teve um papel « desastroso » no caso do espião Fuchs e lidou, apesar do bom senso, com o escândalo Profumo, assim como com o interrogatório crítico de Philby. Ele estava no cargo quando o comandante Lionel Crabb, mergulhador da Marinha Real, foi morto e seu corpo decapitado encontrado na costa após uma mal conduzida missão de espionagem contra um navio soviético em Portsmouth. Em um certo momento de sua carreira no MI5, Hollis tentou destruir o diário de Liddell que documentava

integralmente as atividades do MI5 durante a guerra. Curiosamente, as alegações de que Hollis poderia ser um espião soviético vinham de seus próprios colegas dentro do MI5. Durante seu subsequente interrogatório, Hollis fez uma péssima apresentação de si mesmo, mas nenhuma questão foi realmente resolvida. No caso de Hollis, assim como no de Liddell, a incompetência geral não parecia ter prejudicado nem sua promoção, nem sua posterior nobreza. Hollis teve uma vida bastante confortável. Vale ressaltar que Costello e Pincher, entre outros autores e pesquisadores especializados em inteligência, estão convencidos da existência de indícios de que havia, naquela época, nos serviços de inteligência britânicos, uma fonte externa ao círculo de espiões de Cambridge.

[170] Costello, p. 466 e 27. Um dos parceiros sexuais de Blunt era John Gaskin, um ex-gará, com quem Blunt teve um relacionamento longo e instável; esse relacionamento terminou quando Gaskin cometeu suicídio ao cair de uma varanda.

[171] Ibid.

[172] Ibid., p. 561.

[173] Rothschild afirmava que sua mãe, nascida na Hungria, pagava Burgess para que ele a aconselhasse em questões financeiras.

[174] Costello, p. 305.

[175] Ibid., p. 660 a 663. A biografia de Inverchapel escrita por Donald Gillies sob o título *Diplomata Radical: A Vida de Archibald Clark Kerr, Lord Inverchapel, 1882-1951* (Nova York: St. Martin's Press, 1999) não menciona as inclinações homossexuais do interessado, exceto uma rápida alusão ao fato de que o diplomata envelhecendo preferia a companhia de homens, « especialmente de oradores jovens e de viva inteligência », à de sua jovem e bela esposa, Tita, que tinha quase trinta anos a menos que ele e que ele havia casado em segundas núpcias após um divórcio que durou dois anos. Donald Maclean foi um dos futuros primeiros secretários – ainda subordinados – da embaixada britânica em Washington, D.C. que serviam sob as ordens de Lord Inverchapel. John Costello critica mais do que Gillies a política pró-comunista de Inverchapel, sua admiração cega por Stálin e sua conduta pouco moral, que o expunha a chantageadores. Segundo Costello, no início de sua carreira diplomática, Kerr estabeleceu uma série de laços íntimos com conhecidos agentes soviéticos, incluindo Stig Wennestrom, adido militar soviético que ele conheceu quando era embaixador na China e que se revelou ser um general do KGB. Se não foi realmente um espião ou informante, Lord Inverchapel foi, ao menos, um « agente de influência » eficaz para os soviéticos, conclui Costello.

[176] Costello, p. 300.

[178] Ibid., p. 315.

[179] Ibid., p. 318.

[180] Michael Whitney Straight, *After Long Silence* (Nova York, Londres: W.W. Norton and Co., 1983), p. 142.

[181] Andrew e Mitrokhin, p. 61 e 62.

[182] Jones, p. 27.

[183] Ibid.

[184] Robert J. Lamphere e Thomas Shachtman, *The FBI-KGB War – A Special Agent's Story* (Nova York: Random House, 1986), p. 167.

[185] Costello, p. 317.

[186] Ibid., p. 318.

[187] Ibid., p. 333.

[188] Rebecca West, p. 225.

[189] Lamphere et Shachtman, p. 235.

[190] Modin, p. 143.

[191] Costello, p. 473.

[192] Ibid.

[193] Ibid., p. 537.

[194] Ibid. p. 474.

[195] Pincher, *Their Trade is Treachery*, p. 141.

[196] Rufina Philby, Peake et Lyubimov, p. 406 et 407.

[197] Lamphere e Shachtman, p. 233. Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 407.

[198] Lamphere e Shachtman, p. 23.

[199] Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 408.

[200] Lamphere e Shachtman, p. 233.

[201] Ibid., p. 24.

[202] Ibid., p. 235.

[203] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 412.

[204] Knightley, Page, Leitch, p. 316.

[205] Ibid., Costello, p. 421.

[206] Lamphere e Shachtman, p. 235.

[207] O SMERSH fazia parte da nona Divisão do KGB, agência de contraespionagem especializada em terror e desvio. Veja em http://search.yahoo.com/bin/search?p=SMERSH.

[208] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 414.

[209] A recente desclassificação do projeto VENONA, um dos segredos mais bem guardados da Guerra Fria, revelou a extensão da espionagem soviética e das operações de influência dirigidas contra os Estados Unidos. Graças a esse projeto, que exigiu a participação de criptógrafos conscientes, os americanos conseguiram ler as comunicações codificadas que os estabelecimentos soviéticos em Nova York e Washington trocavam com Moscou, principalmente entre 1943 e 1947. No total, porém, conseguiram decifrar completamente ou parcialmente apenas três mil mensagens ao longo de vários anos. Mais de cem agentes soviéticos foram desmascarados, muitos sendo identificados apenas por seus nomes de código, e até hoje alguns não puderam ser positivamente identificados. A maioria havia sido recrutada através do Partido Comunista dos Estados Unidos. Veja Hayden B. Peake, « The VENONA Progeny » (verão de 2000), disponível em http://www.nwc.navy.mil/press/Review/2000/summer/re2-Su0.htm.

[210] Em 1949, Weisband se queixou a Moscou porque, segundo ele, os serviços soviéticos haviam mudado de código abruptamente, o que levantava suspeitas de que os americanos poderiam desconfiar da presença de um espião entre seus quebradores de código. Veja em http://members.iglou.com/jtmajor/HaunWood.htm.

[211] Para mais informações sobre VENONA, veja, de Allen Weinstein e Alexander Vassiliev, *The Haunted Wood: Soviet Espionage in America – The Stalin Era* (Nova York: Random House, 1999); de Harvey Klehr, John Earl Haynes e Fridrikh Igorevich Firsov, *The Secret World of American Communism* (New Haven: Yale University Press, 1995); de John Earl Haynes e Harvey Klehr, *VENONA: Decoding Soviet Espionage in America* (New Haven: Yale University Press, 1999); e finalmente, de Herbert Romerstein e Eric Brindel, *The VENONA Secrets* (Washington, D.C.: Regency Publishing Co., 2000). O professor Harvey Klehr foi suficientemente amável para responder a várias perguntas do autor sobre VENONA. A história de VENONA pede uma interessante correção. Em seu livro publicado em 1992 intitulado *The American Communist Movement Storming Heaven Itself*, escrito antes que acadêmicos pudessem acessar informações sobre VENONA, o historiador John Haynes, da Biblioteca do Congresso, e o professor de história Harvey Klehr, da Universidade Emory, escreveram que, embora os « comunistas americanos fossem leais acima de tudo à pátria do comunismo mais do que aos Estados Unidos [...] na prática, poucos comunistas americanos foram espiões ». E concluíram que ver « o Partido Comunista Americano essencialmente como um instrumento de espionagem ou uma espécie de quinta coluna é subestimar seu propósito principal ». Contudo, mudaram de opinião após estudarem os telegramas decifrados por VENONA e descobrirem que « Não apenas um punhado, mas centenas de comunistas americanos [...] colaboraram com a espionagem soviética nos Estados Unidos durante as décadas de 1930 e 1940 ». Veja em http://www.nwc.navy.mil/press/Review/2000/summer/re2-Su0.htm. O livro de Haynes e

Klehr sobre VENONA permanece até hoje o mais objetivo que foi escrito sobre o assunto.

[212] Quando Aileen e Kim Philby se casaram, em 25 de setembro de 1946, ela estava grávida do primeiro dos seus cinco filhos. Em setembro de 1956, Philby começou um relacionamento com Eleanor Pope Brewer. Após a morte de Aileen em dezembro de 1957, Philby casou-se com Eleanor em 24 de janeiro de 1959. Segundo Chapman Pincher, quando Philby soube da morte de Aileen, ele estava em um coquetel; então levantou seu copo e disse: « Vamos brindar a esta grande notícia: Aileen morreu! » Depois que ele se mudou para Moscou, e enquanto Eleanor estava visitando os Estados Unidos, Philby se divertiu com a esposa de Maclean, Melinda. Em 1965, Eleanor deixou Moscou e Philby, que estava hospitalizado, para nunca mais voltar. A quarta esposa de Philby, Rufina, era de origem russo-polonesa. Philby teve no total quatro netos.

[213] James Angleton (1911-1980) iniciou sua carreira como agente de inteligência trabalhando com seu pai, que estava na OSS na Itália no final da Segunda Guerra Mundial. Muito cedo, ele formou laços estreitos com os líderes do movimento clandestino sionista que se tornaria o Mossad, ou seja, os serviços secretos israelenses. Como chefe da unidade de contraespionagem, especializou-se na luta contra espiões e fontes infiltradas. Embora Angleton jantasse e bebesse regularmente com Philby e parecesse estar em bons termos com o representante do MI6, ele suspeitava que ele era um agente soviético e comunicou essa suspeita a seus superiores, que a atribuíram serenamente à « paranoia » de Angleton e à sua « obsessão » por espiões e agentes duplos. Quando William Colby assumiu a CIA, em 1974, Angleton estava praticamente à margem e acabou renunciando. Colby então desmantelou a seção de contraespionagem da CIA. No entanto, isso se revelou um erro fatal, como seriam confirmados os estragos causados posteriormente por Aldrich Ames e Robert Hanssen, que espionavam para a União Soviética. Veja em http://www.angelfire.com/dc/1spy/Angleton.html.

[214] Costello, p. 539 e 540.

[215] William Stevenson, *Intrepid's Last Case* (Nova York: Villard Books, Random House, Inc., 1983), p. 187.

[216] Esta infeliz operação da SIS e da CIA é descrita em detalhes na obra de Nicholas Bethell intitulada *Betrayed* (Nova York: Times Books, Random House, 1984).

[217] Bethell, 111.

[218] Ibid., p. 202.

[219] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. k275.

[220] O FBI havia monitorado de perto as atividades homossexuais de Maclean nos Estados Unidos.

[221] Lamphere e Shachtman, p. 235.

[222] Ibid.

[223] Para mais informações sobre as atividades de Maclean nos Estados Unidos, veja Knightley, Page e Leitch.

**[224] Desde fevereiro de 1962, a família real e o governo resolveram não acusar Philby de traição. Em vez disso, a intenção era oferecer-lhe imunidade, desde que ele revelasse todos os detalhes de seus laços com os soviéticos e o KGB. Para o caso de ele se recusar a cooperar, as autoridades decidiram que era melhor deixá-lo ir para Moscovo do que enfrentar o espectro de um escândalo e de um julgamento público.**

[225] Modin, p. 222.

[226] Ibid.

[227] Segundo Penrose e Freeman, tanto a lei sobre segredos do estado (OSA) quanto a lei britânica sobre difamação foram elaboradas para proteger a classe dirigente da Grã-Bretanha, « este grupo com múltiplas conexões internas que sempre dominou a administração pública, a política, as universidades, a City, as artes e as ciências ». A OSA original foi aprovada em 1889, mas foi a lei de 1911, aprovada às pressas pelo Parlamento, que desencadeou o ataque ao direito de informação dos cidadãos. De fato, esse texto tipifica como infração não apenas o ato de um funcionário revelar sem autorização qualquer informação obtida no exercício de suas funções, mas também o de receber tal informação, mesmo inadvertidamente. Não há exceção prevista para tal « no interesse público ». A espionagem, portanto, é um crime muito difícil de provar na ausência de confissões de um espião ou da prisão deste em ato de transmissão de informações secretas a uma potência estrangeira hostil.

[228] Pincher, *Their Trade is Treachery*, p. 150 e 151.

[229] Uma das teorias sobre as razões pelas quais Blunt nunca foi processado é mencionada em *War of the Windsors – A Century of Unconstitutional Monarchy*, por Stephen Prior, Clive Prince, Lynne Picknett e Robert Brydon (Mainstream Publishing, Edimburgo, 2002). Segundo os autores, Blunt poderia ter sido um filho ilegítimo do rei George V. No entanto, esse cenário parece altamente improvável, dado a educação e as firmes convicções religiosas de Hilda Master, a mãe de Blunt. **Uma teoria mais plausível seria que Blunt conseguiu comprometer sexualmente um membro da família real. Costello, por exemplo, aponta que, de acordo com o que Harbinson (Bryans) lhe disse, o duque de Kent, a ovelha negra da família real, era um usuário de drogas e se sentia atraído por parceiros de ambos os sexos. Blunt foi apresentado ao duque de Kent pelo príncipe do Sião Chula Chakrabongse quando os três jovens estudavam no Trinity College. Se Blunt realmente teve relações sexuais com o filho mais novo e rebelde da Rainha Mary, isso foi o suficiente para protegê-lo dos lobos do MI5 e do MI6.** O duque de Kent, que era loiro e alto, morreu em 1942 em um acidente de avião da Royal Airforce.

[230] Ibid., p. 152.

[231] Modin, p. 241.

[232] Este incidente é relatado por Joseph T. Major em sua resenha do livro de Stephen Koch *The Terrible Secret* (Nova York: Free Press, 1994), que pode ser consultada em http://members.iglou.com/jtmajor/2Lives.htm.

[233] Comunicação privada de Patrick Paskiewicz. Nigel descreveu um dia seu irmão como « combinando repulsão e charme em uma extraordinária mistura ». Veja Verne W. Newton, « The Cambridge Spies », em http://members.iglou.com/jtmajor/2Lives.htm.

[234] Modin, p. 268.

[235] A Administração Britânica, NtT

[236] Por extensão, a Imprensa como um todo.

[237] Neologismo descrevendo a internacional homossexual por analogia ao Komintern, a Internacional Comunista.

---

[i] Ernest Volkman e Blaine Bagget, *Secret Intelligence – The inside Story of America's Espionage Empire* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1989), 161.

[ii] Costello, p. 182-183.

[iii] Andrew Boyle, The Fourth Man (Nova York: Dial Press, James Wade, 1979), 450.

[iv] Costello, p. 615.

[v] Veja, por Harry Hay, membro do Partido Comunista, a descrição da organização das primeiras redes homossexuais nos Estados Unidos em *The Trouble With Harry Hay – Founder of the Modern Gay Movement* de Stuart Timmons (Boston: Alyson Publications, 1990).

[vi] Richard Sorge nasceu no estado caucasiano do Azerbaijão, uma antiga república soviética. Seu pai era alemão e sua mãe era russa, mas Richard era profundamente russo e fervoroso bolchevique. Ele espionou para Staline em Xangai e depois foi para Tóquio, onde se passava por um respeitável jornalista alemão. Ele teceu então laços de amizade com o Embaixada da Alemanha em Tóquio com o Tenente-Coronel Ott, oficial de ligação com o Terceiro Regimento de Artilharia Japonês. Era um grande bebedor e conquistador que não escondia seus sentimentos antinazistas. Através de seu amigo Ott, ele tinha acesso a informações diplomáticas e militares extremamente valiosas, bem como às mensagens codificadas dos alemães e dos japoneses. Sorge foi posteriormente preso pelo governo japonês. Ele achava que os soviéticos o trocariam por outro prisioneiro, mas não o fizeram. Ele foi executado como espionagem estrangeira em 7 de novembro de 1944 na prisão de Sugamo. Vinte anos depois, em 6 de novembro de 1964, foi feito Herói da União Soviética. Veja Gordon W. Prange, *Target Tokyo – The Story of Sorge Spy Ring* (Nova York: MacGraw-Hill, 1984). Em seu ensaio "O Comércio da Enganação", o Professor Revilo P. Oliver notou que, graças às informações fornecidas por Sorge, Staline pôde obter vitórias militares importantes durante a Segunda Guerra Mundial ao mover suas importantes tropas massacradas ao longo da

fronteira da Manchúria para usá-las contra os alemães. Oliver observava que Sorge conseguiu mascarar efetivamente suas atividades de espionagem atrás de um verniz exterior de vida social e imediata. Em suma, ele construiu um "personagem" que era "ostensivamente dedicado aos prazeres 'sociais', em vez de se interessar pela política". Veja http://www.revilo-oliver.com/rpo/Business_of_Deception.html.

[vii] Rev. Paul J. Shaughnessy, "The Gay Priest Problem – What Needs to Be Done, and Why it Won't Be", *Catholic World Report*, (Novembro 2000), 54-58. O padre Shaughnessy, um capelão da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais, escreveu: "Defino como corrompida, no sentido sociológico, toda instituição que perdeu a capacidade de se corrigir por conta própria e com seus próprios recursos, uma instituição que é incapaz de descobrir e expulsar seus próprios transgressores. Nesse sentido, a principal razão pela qual a ação necessária para resolver o problema não será empreendida é que o episcopado nos Estados Unidos está corrompido, e isso também é verdade para a maioria das comunidades religiosas. É importante ressaltar que essa é uma exigência social e não moral". O texto completo está disponível em http://www.sdenewsnotes.com/ed/articles/2000/1200ps.htm.

[viii] Rueda, p. 78.

[ix] Rebecca West, p. 237.

[x] Ibid, p. 99.

[xi] Dorrill, p. 38. No texto, Dorrill, que entrevistou Robin Bryans, também conhecido como Rober Harbinson, comete um erro ao afirmar que Montini se tornou o Papa João Paulo I em vez de Paulo VI.

[xii] Roland Perry, *The Fifth Man: The Soviet Super Spy* (Londres: Sidgwick and Jackson, 1994), p. 27.

[xiii] Assim que o Estado de Israel foi formado, Rothschild ajudou Chaim Weizmann a estabelecer um programa nuclear ultra-secreto em Rehovot. Em 1947, nas Nações Unidas, tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos votaram a favor do estabelecimento de um estado judeu na Palestina. Os "kibutzs" foram a contribuição de Israel à experiência do Socialismo Comunista no novo estado-nação.

[xiv] Ibid., 36.

[xv] Ibid., 41.

[xvi] Ibid., Costello, 305.

[xvii] Ibid, 293.

[xviii] Além disso, segundo o ex-membro do Mossad Victor Ostrovsky, o banco Rothschild agia como "bank sayanim", ou seja, assistia o Mossad fornecendo a todo momento assistência

financeira, dia e noite em caso de emergência e sem custos.

[xix] Modin, p. 77.

[xx] Costello, p. 249.

[xxi] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 436.

[xxii] Sinclair, p. 85.

[xxiii] Ibid, p. 89.

[xxiv] Marcom Muggeridge, *Chronicles of Wasted Time – The Green Stick*, Vol. 1, William Morrow & Co., 1973, p. 107.

[xxv] Ibid.

[xxvi] Ibid, p. 109.

[xxvii] As informações de VENONA indicam que os nomes de código David e ROSA poderiam ser Tess e Victor Rothschild. Victor Rothschild era o "Quinto Homem" do grupo de espiões de Cambridge? A meu ver, a questão é mal formulada. Se Rothschild colaborou e forneceu aos soviéticos informações secretas dos britânicos e dos americanos antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, ele não o fez como empregado dos soviéticos, como nos casos de Burgess, Maclean, Blunt e Philby. Rothschild não era um dos cinco. Ele superava a todos. Seus relacionamentos com os soviéticos, assim como com todos os provocadores da Revolução Mundial com os quais colaborou, funcionavam em um nível e uma escala totalmente diferentes. A questão que teria sido melhor fazer é – quais interesses representava Victor Rothschild e a que hierarquia ou organização ele era leal? Certamente, esses interesses englobavam os de sua família, sua dinastia financeira, sua raça e a criação e sobrevivência da pátria judaica na Palestina. Ao contrário de seus amigos de Cambridge, Rothschild não era guiado por nenhuma retórica sobre a supremacia da ideologia comunista. Não teve ilusões sobre a natureza e o desfecho da guerra de Staline contra os judeus, como documentado no livro de Louis Rapoport com o mesmo nome *(Stalin's War Against the Jews* (Nova York: Maxwell Macmillan International, 1990). Pelo contrário, o "arranjo" de Victor Rothschild com os soviéticos foi provavelmente estritamente pragmático – informações e segredos científicos, dados militares e políticos do Reino Unido, da América e de outros lugares em troca de 1) O apoio soviético às Nações Unidas para a criação do Estado socialista de Israel. 2) A garantia de armas nucleares para defender o novo estado em um ambiente árabe hostil e 3) A libertação dos judeus russos detrás da Cortina de Ferro para repovoar Israel. Conhecimentos científicos, armas de destruição em massa, serviços de inteligência eficazes, apoios internacionais, dinheiro e pessoas, tudo era necessário a Israel para sobreviver. Rothschild forneceu generosamente tudo isso, mesmo que ao fazê-lo estava indo contra os interesses britânicos. Que os Rothschild e o governo israelense fossem capazes de tais ações é demonstrado pelo Caso Pollard, que envolveu a venda de informações americanas altamente confidenciais para a União Soviética por agentes israelenses. Em 1986, um judeu americano, Jonathan Pollard, que trabalhava para a inteligência da Marinha dos EUA, foi preso por espionagem em favor de Israel. No dia de sua prisão, ele estava na posse de sessenta documentos classificados dos EUA. Os

israelenses forneciam informações americanas aos soviéticos e às nações do bloco de Leste em troca da libertação dos judeus desses países. Quanto aos outros interesses de Rothschild, é fascinante notar que, quando a Guerra Fria terminou, Victor Rothschild, como se fosse o momento certo, assumiu uma causa singular – a chamada "explosão demográfica". A guerra contra o comunismo se transformou em uma guerra contra a proliferação da população, e Rothschild estava pronto para liderar a carga nessa nova fase da marcha contínua da Revolução Mundial. Veja Richard Deacon, *The Cambridge Apostoles* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1986), p. 178.

[xxviii] Veja Gordon Lonsdale, *Spy: Twenty Years of Secret Service, Memoirs of Gordon Lonsdale* (Nova York: Hawthorn, 1965). Também http://intellit.muskingum.edu/uk_folder/ukspycases_folder/ukspycases&l.html.

[xxix] Rebecca West, *New Meaning of Treason*, p. 297.

[xxx] Veja a entrevista da PBS em http://www.pbs.org/redfiles/kgb/deep/interv/k_intgeorge_blake.htm.

Veja também George Blake, *No Other Choice: The Cold War Memoirs of the Ultimate Spy* (Londres: Jonatham Cape Limited, 1990).

[xxxi] "George Blake, o último sobrevivente das ‘taupes’ legendárias do KGB", Pittsburgh Press, 16 de janeiro de 1992. Após a debacle de Blake, o comitê Radcliffe foi criado para examinar as medidas de segurança no serviço público. O relatório final do comitê insistia no princípio da "necessidade de saber", mas aparentemente o MI5 e o MI6 não receberam a mensagem. A porta permanecia aberta para outras atividades de espionagem estrangeira contra o Governo e a Coroa Britânica.

[xxxii] Rebecca West, p. 316. Veja também Rebecca West, "O Caso Vassall", *Sunday Telegraph*, Londres, 4 de julho de 1963.

[xxxiii] Ibid, 317.

[xxxiv] Ibid.

[xxxv] Lewis, 18.

[xxxvi] Rebecca West, 320.

[xxxvii] Lewis, 89.

[xxxviii] Ibid, 90.

[xxxix] Ibid.

[xl] Rebecca West, 321.

[xli] Segundo dizem, os soviéticos faziam pagamentos mensais de £ 700 a Vassall, que dobravam em caso de documentação proveniente da Marinha.

[xlii] Pincher, p. 75. Na realidade, Golitsin afirmava que havia duas fontes infiltradas na Marinha, mas após o julgamento de Vassall, os serviços de inteligência britânicos ignoraram esse aviso.

[xliii] Rebecca West, p. 323.

[xliv] Ibid, p. 328.

[xlv] Ibid.

[xlvi] Veja "A Comissão Warren do ponto de vista do processo" com notas sobre a Tribuna Radcliffe por Arthur L. Goodheart, New York University Law Review, Vol 40 (Maio de 1965), 404-423, disponível em http://karws.gso.uri.edu/JFK/History/WC_Period/Legal_views_of_WC/Goodheart-from_procedural-standpt.html.

[xlvii] Ibid.

[xlviii] Ibid.

[xlix] Ernest Volkman e Blaine Bagget, *Secret Intelligence – The inside Story of America's Espionage Empire* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1989), p. 161.

[l] Costello, p. 182-183.

[li] Andrew Boyle, *The Fourth Man* (Nova York: Dial Press, James Wade, 1979), p. 450.

[lii] Costello, p. 615.

[liii] Veja, por Harry Hay, membro do Partido Comunista, a descrição da organização dos primeiros redes homossexuais nos Estados Unidos em *The Trouble With Harry Hay – Founder of the Modern Gay Movement* de Stuart Timmons (Boston: Alyson Publications, 1990).

[liv] Richard Sorge nasceu no estado caucasiano do Azerbaijão, uma antiga república soviética. Seu pai era alemão e sua mãe era russa, mas Richard era profundamente russo e fervoroso bolchevique. Ele espionou para Staline em Xangai e depois foi para Tóquio, onde se passava por um respeitável jornalista alemão. Ele formou laços de amizade com a Embaixada da Alemanha em Tóquio com o Tenente-Coronel Ott, oficial de ligação do Terceiro Regimento de Artilharia Japonês. Era um grande bebedor e conquistador que não escondia seus sentimentos antinazistas. Já com seu amigo Ott, ele tinha acesso a informações diplomáticas e militares extremamente valiosas, bem como às mensagens codificadas dos alemães e dos japoneses. Sorge foi preso pelo governo japonês. Ele achava que os soviéticos o trocariam por outro prisioneiro, mas não o fizeram. Ele foi executado como espião estrangeiro em 7 de novembro de 1944 na prisão de Sugamo. Vinte anos depois, em 6 de novembro de 1964, foi feito Herói da União Soviética. Veja Gordon W. Prange, *Target Tokyo – The Story of Sorge Spy Ring* (Nova York: MacGraw-Hill, 1984). Em seu ensaio "O

Comércio da Enganação", o Professor Revilo P. Oliver observou que, graças às informações fornecidas por Sorge, Staline pôde obter vitórias militares importantes durante a Segunda Guerra Mundial, movendo suas importantes tropas massacradas ao longo da fronteira da Manchúria para usá-las contra os alemães. Oliver observou que Sorge foi capaz de mascarar efetivamente suas atividades de espionagem atrás de uma fachada de vida social e imediata. Em suma, ele construiu um "personagem" que era "ostensivamente dedicado aos prazeres 'sociais', em vez de se interessar pela política". Veja http://www.revilo-oliver.com/rpo/Business_of_Deception.html.

[lv] Rev. Paul J. Shaughnessy, "The Gay Priest Problem – What Needs to Be Done, and Why it Won't Be", *Catholic World Report*, (Novembro 2000), 54-58. O padre Shaughnessy, um capelão da Marinha dos EUA e do Corpo de Fuzileiros Navais, escreveu: "Defino como corrompida, no sentido sociológico, toda instituição que perdeu a capacidade de se corrigir por conta própria e com seus próprios recursos, uma instituição que é incapaz de descobrir e expulsar seus próprios transgressores. Nesse sentido, a principal razão pela qual a ação necessária para resolver o problema não será empreendida é que o episcopado nos Estados Unidos está corrompido, e isso também é verdade para a maioria das comunidades religiosas. É importante ressaltar que essa é uma exigência social e não moral". O texto completo está disponível em http://www.sdenewsnotes.com/ed/articles/2000/1200ps.htm.

[lvi] Rueda, 78.

[lvii] Rebecca West, 237.

[lviii] Ibid, 99.

[lix] Stephen Dorrill e Anthony Summers, *Honeytrap – The Secret Worlds of Stephen Ward* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987), p. 48.

[lx] Ibid.

[lxi] Ibid., p. 52.

[lxii] Ibid., p. 28.

[lxiii] Ibid., p. 36-37.

[lxiv] Penrose e Freeman, p. 254, 484.

[lxv] O pai de Peter Montgomery era o Major-General Hugh Maude de Fallenberg Montgomery. Seu tio era o Marechal de Campo Sir Archibald Montgomery-Massingberd, Chefe do Estado-Maior Imperial. Seu primo em segundo grau era Bernard Montgomery, o lendário comandante da Segunda Guerra Mundial.

[lxvi] Penrose e Freeman, p. 254, 484.

[lxvii] Provavelmente, foi graças às suas relações familiares que Peter obteve seu cargo junto a Wavell nas Índias. Nenhuma das biografias de Wavell menciona o nome de Peter Montgomery.

[lxviii] Chris Moore, *The Kincora Scandal* (Dublin: Marino, 1996), p. 88.

[lxix] Carter, p. 384.

[lxx] Costello, p. 466.

[lxxi] O lar de meninos de Kincora foi aberto em 1958 para servir como abrigo de transição para adolescentes com problemas e órfãos da região de Belfast. O diretor escolhido para Kincora, Joseph Mains, era um pedófilo homossexual ativo. Ele foi acompanhado em 1964 por Raymond Semple, outro "amante de meninos". Os dois homens transformaram a residência em um verdadeiro inferno para muitos jovens que foram colocados em Kincora pelo Estado como em um lugar seguro. Quando William McGrath se juntou à equipe em 1971, o inferno em Kincora estava completo. Em 24 de janeiro de 1980, o repórter de Dublin Peter McKenna, do *Irish Independent*, publicou um artigo denunciando que a encobertura oficial de abusos sexuais de meninos e adolescentes no Lar de Meninos de Kincora havia durado mais de 20 anos. Além disso, McKenna relatou que várias agências públicas haviam sido informadas sobre as atividades criminosas em Kincora e que não fizeram nada para parar os abusos. Chris Moore, autor de *The Kincora Scandal*, insistia que, embora os meninos de Kincora tenham sido estuprados e sodomizados por McGrath, Mains e Semple – todos recebendo severas penas de prisão após seus julgamentos em dezembro de 1981 – não havia uma rede de prostituição operando fora do lar. No entanto, McKenna relatava que havia uma rede organizada de pedófilos operando fora de Kincora e que alguns meninos haviam sido retirados do orfanato e enviados para perto do Castelo de Birr para servir como carne fresca para pedófilos e homossexuais da alta sociedade de Belfast e Londres. Sabemos que McGrath era um agente do MI5 na Irlanda do Norte, assim como um dirigente do Ordem da Laranja antes de sua prisão. Sabemos que ele frequentava Londres frequentemente e se misturava com os círculos políticos de elite. Contudo, os serviços de inteligência britânicos (MI5) encerraram sua investigação antes que os supostos pedófilos e homossexuais de Belfast e da Grã-Bretanha pudessem ser identificados e interrogados. O fato de que o amigo e companheiro sodomita de Blunt, Sir Knox Cunningham, que morreu em 1976, estivesse em estreita relação com McGrath tende a apoiar a possibilidade de que meninos de McGrath tenham sido abusados sexualmente por outros homens além de McGrath, Mains e Semple. A menos que a Coroa, Whitehall ou o Parlamento Britânico decidam reabrir o Caso Kincora, é improvável que a verdade completa seja revelada ao público irlandês e britânico. Blunt teria fornecido a seus mentores soviéticos informações sobre Kincora, se o fez, isso poderá permanecer enterrado. Além do livro de Moore, o defensor do Partido Trabalhista Paul Foot forneceu informações adicionais sobre o escândalo de Kincora em *Who Framed Colin Wallace?* (Macmillan, Londres, 1989).

[lxxii] Moore, p. 88-89.

[lxxiii] Dorrill, p. 38. No texto, Dorrill, que entrevistou Robin Bryans, também conhecido como Rober Harbinson, comete um erro ao afirmar que Montini se tornou o Papa João Paulo I em vez de Paulo VI.

---

Revision #6
Created 18 December 2024 22:14:09 by Admin

Updated 20 December 2024 18:55:26 by Admin